

Ida e volta caducada: os não lugares dos emigrantes

MARIA LUÍSA LEAL
(*Universidad de Extremadura*)

Résumé

En partant d'une œuvre qui peut être lue comme une apologie du multiculturalisme avant la lettre, les *Lettres persanes* de Montesquieu, j'étudierai le multiculturalisme comme corollaire de la globalisation économique, en observant comment l'humour qui caractérise l'œuvre de Montesquieu acquiert des tonalités tragiques dans les récits de vie qui intègrent les autres œuvres du corpus étudié : le livre intitulé *La misère du monde* (1993), ouvrage sociologique coordonné par Pierre Bourdieu et le coffret de documentaires de José Vieira intitulé *Le pays où l'on ne revient jamais* (2007). Je m'intéresse particulièrement à la figure de l'émigrant portugais et maghrébin et à l'impossibilité de retour à leur espace d'origine respectif, autrement dit, à la « malédiction » de demeurer étranger.

Mots-clés : Multiculturalisme, globalisation économique, récits de vie.

Abstract

Based on a work that functions as a defense of multiculturalism «avant la lettre», *Les Lettres persanes* de Montesquieu, I will face the multiculturalism as the corollary of economic globalization, noting how the humor that characterizes the work of Montesquieu acquires tragic tones in the «récits de vie» that integrate the remaining works of the corpus studied: the book entitled *La misère du Monde* (1993), a sociological work coordinated by Pierre Bourdieu and the coffret of José Vieira's documentaries called *Le Pays où L'on ne revient jamais* (2007). I am particularly interested in Portuguese and North African migrant and their impossibility of returning to their places of origin –the «curse» to stay abroad.

Keywords: Multiculturalism, economic globalization, «récits de vie»

No país onde moro, há poucos anos deixei de ter um cartão semelhante aos cidadãos nacionais, diferindo apenas na cor e numa letra que precedia o respetivo número e de ser considerada «estrangeira» para passar a ser «comunitária»; o número de estrangeiro conserva-se, mas já não identifica; o cidadão comunitário identifica-se com o cartão do respetivo país. Mera burocracia que, de cinco em cinco anos, recorda o caráter negociado de uma presença. Uma brincadeira, se pensarmos que vivo a 236 km da casa dos meus pais e avós, agora vazia. Como será esta realidade vivida pela minha mãe, chegada há alguns meses a Espanha, sem esperança ou pretensão de vir a aprender a língua, reclusa em casa ou passeando ingénuos assombros quotidianos acerca dos espanhóis que passam a vida na rua, que falam alto, que afinal se parecem com os portugueses? Como será vivida pelos que, depois de arriscadas viagens em que tantos sucumbem, se encontram nesta mesma terra sem papéis ou sem esperança de vir a tê-los?

José Vieira, sociólogo e autor de uma série de documentários sobre a imigração portuguesa em França, escreve em « Le retour est une maison vide », o libreto que acompanha o DVD *Le pays où l'on ne revient jamais*:

Je rencontre de plus en plus d'émigrés qui souffrent de n'être nulle part à leur place et partout déplacés. Le retour est pour eux une maison vide dans un village désert. Le village où est née ma mère se trouve au nord du Portugal mais il pourrait être en Algérie, en Espagne, au Maroc, en Italie ou au Mali. Le nombre des villages d'émigration ne cesse d'augmenter sur la planète. Les statistiques sont formelles : il y a de plus en plus d'étrangers dans le monde¹.

A vila dos meus pais e avós encontra-se ao sul de Portugal e é um lugar típico dos tempos de hoje: morto no inverno e concentrando no verão, nas noites de festa na praça, filhos e netos da terra que vivem na Suíça, França, Inglaterra ou outros países que voltam a ser destino de imigrantes, no presente caso uma mão de obra mais qualificada do que aquela que, entre os anos sessenta e setenta, alimentou a construção civil europeia. Nessa praça se encontram com imigrantes brasileiros, moldavos, cabo-verdianos..., construtores de uma escola profissional, e ainda com jovens africanos estudantes da mesma. Nem são precisas estatísticas, basta olhar à volta para nos cruzarmos com o grande fenómeno migratório onde os êxodos se vão transformando e criando novos estrangeiros e também novas formas de se ser estrangeiro.

¹ José VIEIRA, « Le retour est une maison vide », *Le pays où l'on ne revient jamais* [DVD], Paris, La Huit, 2007, p. 16.

No caso português, durante anos exaltaram-se os descobrimentos e silenciou-se a emigração clandestina dos anos sessenta e setenta. Mesmo no pós-25 de Abril e sem qualquer tipo de assimilação do aproveitamento que a ideologia salazarista fez dos descobrimentos, o interesse pela alteridade que uma nova perspetivação da literatura de viagens veio trazer para o debate universitário entusiasmou mais, como matéria de estudo, do que o fenómeno migratório de sessenta e setenta. Vale a pena citar, a propósito, Ana Paula Coutinho:

Se pode ser exaltante a imagem do Portugal das Descobertas (apesar de comprometida pelas teorias póscolonialistas); se pode ser interessante o Portugal ligado à primeira emigração liberal do século XIX ou a alguns vultos do Romantismo que se foram rendendo tanto ao desterro como aos enlevos do cosmopolitismo europeu; se ainda se pode condescender com certas iniciações juvenis ou passagens pelo Brasil nos inícios do século XX; se até o Portugal colono, sobretudo em África, pôde ser simbolicamente compensador, embora politicamente incómodo, já a fuga à miséria, à falta de perspetivas de sobrevivência ou de ascensão, primeiro para os EUA e depois para a Europa, nunca atraíram nem prestigiaram ninguém, a começar pelo Poder da nação que assim via expostos e denunciados os sinais do seu subdesenvolvimento – marcas indeléveis de injustiças e de fracasso coletivo².

No entanto, apesar de podermos encontrar, no domínio da crítica literária, vozes que sublinhavam a inexistência de um grande romance desta emigração³, deslocando a discussão para o campo do valor literário, há vários títulos e estudos que podem ser referidos como muito interessantes, desde os romances pioneiros de Olga Gonçalves *A floresta em Bremerhaven* (1975) ou *Este verão o emigrante là-bas* (1978) a obras mais recentes que tratam questões que se prendem com a evolução da emigração portuguesa para a Europa ou com a presença de imigrantes em Portugal, como o romance de Carlos Batista intitulado *Poulailler* (2005) e publicado em Paris, que trata da questão dos luso-descendentes, ou *Myra* de Maria Velho da Costa (2008), com uma protagonista adolescente que emigrou do Leste e erra pelo sul de Portugal. De resto, e sobretudo com o alargamento temático que a influência dos estudos culturais trouxe aos estudos literários, estas obras têm visto aumentar a sua fortuna aos olhos da crítica universitária. Com efeito, se o alcance dos estudos estruturalistas

² Ana Paula COUTINHO, «O português migrante: uma leitura da revista *Peregrinação*», *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 79.

³ Veja-se, por exemplo, a recensão crítica de Álvaro Manuel Machado ao romance de Olga Gonçalves *Este verão o emigrante là-bas*, de 1978, em que o autor sustenta que Olga Gonçalves escreveu sobre a emigração, mas não escreveu um «romance da emigração». A passagem do tempo tem mostrado que a obra de Olga Gonçalves não interessa apenas à sociologia da literatura, tendo dado azo a vários estudos, nomeadamente sobre o plurilinguismo, como é o caso da tese de doutoramento da autoria de Isabelle SIMOES MARQUES intitulada *Le plurilinguisme dans le roman portugais contemporain (1963-1983) : caractéristiques, configurations linguistiques et énonciatives*, defendida em 2009 na Université Paris-VIII Saint-Denis.

ou outras abordagens de orientação imanentista levaram a um interesse pela obra literária enquanto construção verbal e privilegiaram os procedimentos criativos em detrimento do tema, o brutal questionamento que o mundo impõe atualmente à literatura como disciplina universitária está a levar a um ressurgimento do tema como plataforma em que vários interlocutores se podem entender. Expulsou-se pela porta grande e entra-nos agora pela janela, pelas frinchas, por todos os lados.

Centremo-nos, pois, no tema do estrangeiro, com uma breve alusão às *Lettres persanes*, romance epistolar de Montesquieu⁴ que, segundo Todorov⁵, revela uma notável capacidade do autor para pensar, ao mesmo tempo, a diversidade dos povos e a unidade do género humano. O olhar de dois persas que visitam Paris capta imagens da França com mais lucidez do que os próprios franceses. Isto consegue-se através de processos de distanciamento que permitem variar a perspetiva eurocêntrica, o que me leva a encarar esta obra como uma apologia do multiculturalismo «avant la lettre». Para Todorov, Rica e Usbeck, os dois persas que se deslocaram a França por quererem alargar as fronteiras do seu conhecimento, «têm o privilégio epistemológico de serem estrangeiros»: A « parfaite ignorance des liaisons [...] qui caractérise la perception des étrangers, s'avère être un avantage : les liaisons, les justifications, les habitudes rendent les choses banales et les soustraient du coup à l'examen critique. L'étranger, au contraire, est toujours étonné »⁶. De resto, para aceder ao conhecimento, na mundividência conformada na obra, ser estrangeiro seria não apenas uma vantagem, mas uma condição *sine qua non*: « La condition du savoir réussi est donc la non-appartenance à la société décrite, autrement dit, on ne peut pas à la fois vivre dans une société, au sens fort, et la connaître »⁷.

O olhar «étonné» do «exota» que caracteriza os dois persas de Montesquieu continua a caracterizar muitos dos que atualmente fazem a apologia do multiculturalismo, assumindo uma postura que assenta em princípios de tolerância. Porém, se encararmos o multiculturalismo como corolário da globalização económica, o tom humorístico típico da obra que Montesquieu dedicou à alteridade humana adquire tonalidades marcadamente trágicas. De resto, quando se coloca a questão do regresso a um lugar de pertença, as *Lettres Persanes* patenteiam uma tragédia pessoal que, aos olhos do leitor ocidental, pode passar despercebida e ser até motivo de congratulação, triunfo da liberdade universal sobre a

⁴ MONTESQUIEU, *Lettres persanes*, Paris, Flammarion, 1964.

⁵ Tzvetan TODOROV, « Lettres persanes », *Nous et les autres*, Paris, Éditions du Seuil, 1989, p. 467-482.

⁶ *Ibid.*, p. 468.

⁷ *Id.*

prepotência masculina tradicional que domina na sociedade persa onde há escravos, eunucos e mulheres encerradas em haréns. Trata-se da tragédia pessoal de Usbek que, apesar das seduções e curiosidades do mundo ocidental, sente saudades do seu harém, inquieta-se pelo que lá se passa e sofre de ciúmes e suspeitas de desonra. Finalmente, assistirá, impotente, ao fim desse universo doméstico que tinha deixado, transformado, pela distância e revelações finais da infidelidade daquela que julgava a mais fiel das suas mulheres, em utopia passada. Esta impossibilidade de regresso faz de Usbek um verdadeiro naufrago no sentido existencial que Blumenberg dá à metáfora do naufrágio, consequência da navegação como violação de fronteiras⁸. Realmente, viajar da Pérsia a Paris é mais do que cruzar o oceano, é adentrar-se no verdadeiro mar da alteridade. A correspondência, as cartas, são ténues laços com o universo de origem e revelam-se totalmente ineficazes quando Usbek pretende impedir a dissolução deste.

O mundo multicultural em que vivemos pode ter o lado festivo do encontro de culturas, tenha este lugar numa praia do Brasil quando os marinheiros de Pedro Álvares Cabral se entregam à dança com os índios tupiniquins, como refere Pêro Vaz de Caminha na sua carta sobre o achamento do Brasil, ou na praça de Alvito, numa sexta-feira de agosto com caipirinhas preparadas por brasileiras imigrantes e licores elaborados por velhas senhoras alentejanas. Mas também tem tonalidades trágicas, algumas captadas pela literatura, como acima sugerimos e, as mesmas ou outras, captadas por narrativas sem pretensão literária, mas passíveis de serem recuperadas para um universo de formas de expressão e saberes cruzados que têm o tema como o ponto comum em que vários estudiosos se podem entender.

São essas tonalidades que procurei em vários «*récits de vie*» que integram a obra sociológica intitulada *La misère du monde* e coordenada por Pierre Bourdieu⁹ e o *coffret* de documentários de José Vieira intitulado *Le pays où l'on ne revient jamais*¹⁰. Interessou-me

⁸ O naufrágio seria uma das metáforas essenciais, um *topos* de Lucrécio cuja receção é estudada por Blumenberg. Não se trata de um qualquer naufrágio e sim do naufrágio com espectador, o que nos leva a equacionar duas posições: a do naufrago que se debate em alto mar (sujeito que sofre) e a do espectador que o contempla, em segurança (sujeito que vê). Ora a experiência humana mostra que o naufrágio ou a crise são muito mais característicos da humanidade do que o *locus* seguro, o mar prevalece sobre a segurança de todo e qualquer veículo. As *Lettres persanes* enquadrar-se-iam da seguinte maneira (figurada) na metáfora do naufrágio marítimo como representação da condição humana: o indivíduo de olhar «ávido de opulência e luxo» deixa a terra firme de um espaço de pertença para se aventurar num mar de alteridade (cultura ocidental), levando a cabo um gesto temerário que provocará não apenas a sua crise pessoal, como também a da terra firme que deixou atrás de si quando ensaiou o seu «passo em falso para o inconforme e desmesurado», a violação da fronteira ou limite a que estaria confinado um programa de estudo e enriquecimento pessoal desenvolvido no seio do mundo conhecido, da cultura própria.

⁹ Pierre BOURDIEU, *La misère du monde*, Paris, Éditions du Seuil, 1993.

¹⁰ José VIEIRA, *Le pays où l'on ne revient jamais*, op. cit.

particularmente a figura do emigrante português e magrebino para França e a impossibilidade de regresso aos respetivos espaços de origem, ou seja, a «maldição» de permanecer estrangeiro. Entre os surtos de emigração magrebina e portuguesa para França e a sociedade multicultural atual –mundo de pequenas misérias que o intelectual não deveria ignorar– ocorreu uma transformação que não é vivida nos mesmos termos pelo emigrante, impedido de voltar a um país a que se aferra como a uma lista identitária que já perdeu a sua funcionalidade real, ou pelo intelectual que circula livremente pelo espaço dos outros.

O contraponto de quem emigra por questões económicas surge-nos na obra de Maria Isabel Barreno *Um imaginário europeu*¹¹ através de uma figura complexa de intelectual reflexivo que nela se perfila como um misto de autor de ensaios e sujeito de poemas. Trata-se de uma figura real investida de uma missão profissional (coordenadora do ensino do português junto da Embaixada de França) e também do sujeito ficcional dos poemas que pontuam a obra. Estrangeiro como maldição ou estrangeiro como opção são dois pólos aparentes de uma realidade complexa, polifónica, onde coabitam várias perspetivas e onde as negociações sociais não caminham necessariamente a par da autoimagem (no sentido que lhe atribui Joep Leerssen: «The referring to a characteriological reputation current within and shared by a group»¹²).

O documentário de José Vieira narra-nos histórias pessoais que convergem na história comum da emigração portuguesa de sessenta e setenta¹³, assumindo uma posição implicada mas, ao mesmo tempo, capaz de exteriorizar-se e de construir uma visão sociológica que encontramos explicitada por Pierre Bourdieu em «Comprendre», o posfácio em que desenvolve os pressupostos teóricos e o procedimento seguido (um trabalho de construção e compreensão) para chegar, partindo do inquérito e passando sobretudo por uma acurada seleção, à *opera magna* que é *La misère du monde*¹⁴. Por um lado, aquele que interroga (e que é realizador do documentário) encontra-se socialmente próximo do interrogado (é um filho de emigrante que fala com o pai e várias pessoas que deixaram a mesma aldeia de origem para emigrarem para França); mas, por outro lado, é capaz de construir um discurso em que

¹¹ Maria Isabel BARRENO, *Um imaginário europeu*, Lisboa, Caminho, 2000.

¹² Manfred e Leerssen BELLER, «Image», *Imagology. The cultural construction and literary representation of national characters*, Amsterdam-New York, 2007, p. 342-343.

¹³ A filmografia de José Vieira mostra até que ponto esta temática é recorrente nos seus documentários, sendo interessante referir, para além do *coffret Gens du salto* (José VIEIRA, *Gens du salto* [DVD], Paris, La Huit, 2005, trabalhos mais recentes como *Drôle de Mai, chronique des années de boue* (2008) ou *Les émigrés* (2009).

¹⁴ Pierre BOURDIEU, *La misère du monde*, *op. cit.*

encontramos os elementos necessários à sua própria explicação¹⁵, aplicando o princípio sustentado por Bourdieu de que « comprendre et expliquer ne font qu'un »¹⁶. José Vieira trata uma problemática concreta – a impossibilidade de o emigrante regressar ao lugar de origem, posto que, uma vez atingido o ponto de não-retorno, esse lugar converte-se em «ailleurs»; e, caso chegue a regressar, o «ailleurs» desejado passa a ser a França. Porém, possui um amplo e profundo conhecimento da globalidade do fenómeno migratório em que esta problemática se enquadra, como se pode atestar por vários outros documentários que realizou e pela riqueza dos libretos que integram os *coffrets* em que esses documentários foram editados.

Não sendo objetivo do presente ensaio analisar em profundidade *Le pays où l'on ne revient jamais*, tomaremos como objeto de estudo o jogo das personagens, protagonistas individualizadas dessa história comum, destacando por um lado a família do narrador (presente através da voz *off*) e, por outro, um casal de reformados e uma mulher que voltaram à sua terra por um constrangimento económico: as respetivas reformas não lhes permitem sequer pagar a renda de um apartamento em França. O pai do narrador esteve dezasseis anos em França que foram como um parêntesis na sua vida e após os quais regressou à sua terra, reabrindo a forja que um dia tinha fechado para ir procurar uma vida melhor. Não chegou a aprender a língua nem a integrar-se em França, tendo o filho atuado como intérprete nas interações sociais. Como os anos em França coincidiram com o crescimento dos filhos, estes não regressaram com ele e, no presente do documentário, os netos não falam português, sendo novamente necessária a mediação do filho, neste caso para as interações familiares.

A mulher que partira para França com 41 anos, depois de 25 de trabalho árduo, regressou e, como afirma, custou-lhe mais a adaptação ao lugar de origem do que a dura chegada a França como clandestina. O casal está dividido e inseguro na sua opção de voltar à aldeia, onde «a mentalidade mudou» e são vistos como emigrantes. «Afinal de contas, somos estrangeiros nos dois sítios», diz ele. Em todo o caso, o elemento comum entre estes emigrantes de primeira geração que regressaram é que todos eles deixaram os filhos em França. Esses filhos falam as duas línguas e os netos já não falam português mas, no caso dos filhos do narrador, interessam-se pela aldeia pois, como este refere, «ils ne ressentent pas comme nous cette mélancolie d'un étranger qui débarque sur un endroit autrefois familial», ou seja, nesta aldeia do norte de Portugal são estrangeiros com opção e em caso algum a sua identidade se vê posta em questão pela relação com esse espaço português.

¹⁵ *Ibid.*, p. 1398.

¹⁶ *Ibid.*, p. 1400.

A nota final do documentário estabelece uma ponte entre a história pessoal do narrador –a de uma emigração «resolvida» pela passagem do tempo e das gerações, definitivamente entregue à voragem do tempo e votada agora à necessidade de recuperação de uma memória coletiva– e a dos emigrantes do presente:

Il nous reste ici une maison, des souvenirs et une histoire. Celle de gens obligés de tout quitter pour fuir la misère. Une histoire à transmettre pour ne pas oublier que tous les jours, des hommes et des femmes sont acculés à partir avec en tête l'idée du retour. Mais trop souvent, l'émigration détruit les rêves de ceux qu'elle emporte avec elle. De par le monde les camps de rétention pour étrangers sont pleins d'immigrants sans papiers partis chercher une vie meilleure¹⁷.

La misère du monde traz à colação, através das vozes dos entrevistados, mundividências em que se tornam compreensíveis os constrangimentos sociais configuradores, não diria de guetos, mas afinal dos *habitats* do maior número de europeus, por inóspitos que possam ser e tão distantes dos centros configuradores de um utópico «imaginário europeu». Naturalmente, para distinguir estes lugares daqueles em que se forjaria o imaginário europeu precisamos de recorrer à noção de centro e periferia, teorizada pelo sociólogo Boaventura Sousa Santos e, desde a publicação de *Pela mão de Alice*, em 1994, aplicada também ao campo literário. O mundo daquilo que Bourdieu aqui chama «miséria» situa-se sempre na periferia de um núcleo de criação de cultura que, no caso francês, poderíamos situar num coração parisiense ocupado pelo Louvre, Centro Georges Pompidou, Sorbonne, Grandes Écoles e bibliotecas, rue du Faubourg Saint-Honoré com os seus antiquários, etc.. Aqui, temos a «rue des Jonquilles» (bairro de famílias de operários qualificados, na sua maioria no desemprego ou pré-reforma), as «cités» problemáticas dos HLM e outros lugares do mundo igualmente estigmatizados como The Zone, em Chicago ou El Barrio no Harlem nova-iorquino. O espaço físico é também social, estabelece distinções e, na verdade, há uma relação estreita entre habitat e «habitus», isto é, a forma como o indivíduo assimila e reproduz uma estrutura social (noção desenvolvida por Bourdieu e aplicada em *La misère du monde*). Desta forma, é difícil que, em periferias como as acima referidas – periferias pela localização física mas, fundamentalmente, pela exclusão social a que são votadas pelo centro– se desenvolva aquilo que Maria Isabel Barreno chamou «um imaginário europeu» e em relação ao qual se mostra cética, como bem o sublinha Graciete Besse no prefácio à tradução francesa da sua obra:

¹⁷ A transcrição deste fragmento da banda sonora do documentário é da minha responsabilidade.

pour Maria Isabel Barreno l'Europe est un concept vide de sens. À son avis, la géographie « liquide » du continent semble dessiner plutôt une opposition entre le centre et la périphérie, en oubliant ostensiblement les régions ultrapériphériques. S'il existe, l'imaginaire européen doit être capable de conférer un sens à l'Histoire, d'être créateur d'art et de culture, d'éthique politique, de citoyenneté et d'éducation communes¹⁸.

Ora, é precisamente nas zonas ultraperiféricas que encontramos os imigrantes entrevistados em *La misère du monde*, e que vivem essa tensão entre o retorno a um espaço de origem caracterizado por uma cultura que um dia foi a sua e que, de alguma forma, reproduzem no espaço que habitam e esse mesmo espaço onde é impensável, justamente, a criação de «cidadania ou educação comuns».

As tensões entre comunidades são evidentes e o confronto entre heranças culturais e religiosas de sociedades fortemente tradicionais como a argelina e modelos de vida ocidentais levam ao desenraizamento e a fortes conflitos de gerações que tornam o retorno impossível. No caso de uma jovem descendente de uma família marroquina, Aïcha, a família espera que seja ela quem, com estudos feitos em França, possibilite o regresso da família, abrindo caminho para que depois a sigam. Depois de muitos anos a construir em Marrocos uma casa que nunca acabaram e tendo sido para Aïcha completamente impossível a integração numa sociedade em que nunca vivera, os pais mais ou menos abandonam a ideia de retorno. Aïcha, que sempre tinha desempenhado o papel de intérprete da sociedade francesa para a sua família (estabelecendo a relação interior-exterior), não poderá fazer o mesmo para a sociedade marroquina, a que nunca pertenceu realmente. O sonho do regresso familiar acaba por se dissolver, como comenta:

Eh là, pour la maison, je pense que c'est fini ; il n'y a plus ce retour qui a tellement empêché les immigrés de s'intégrer. C'est ce sacré retour qui, en fait, a fait qu'il y a ces retours aux traditions, à certaines choses très dures parce qu'on sent qu'il commence à y avoir un flou¹⁹.

A utopia de Aïcha é que todos possam viver felizes em França. Para Abbas (entrevistado em 1990), antigo operário argelino na reforma, a sua condição de emigrante é sentida como uma dupla vergonha: em França, por lhe fazerem notar que está a mais; na Argélia, por ter emigrado. Fala claramente do seu «divórcio de si mesmo» e da «maldição» da emigração, que chega a considerar como uma apostasia, com toda a carga religiosa do termo. Para Abbas, a consequente reconversão a que foi obrigado pela emigração, com a rutura de uma postura

¹⁸ Graciete BESSE, « Maria Isabel Barreno, une archéologie de la mémoire », *Un imaginaire européen*, Paris, L'Harmattan, 2009, p. 8.

¹⁹ Pierre BOURDIEU, *La misère du monde*, op. cit., p. 1309.

tradicional em família (uma filha que saiu de casa para trabalhar e jovens varões que não o querem fazer), é a perda de identidade, a submersão no espaço do outro: « Au lieu de travailler pour leur postérité, les immigrés (en famille) travaillent en réalité pour la postérité des autres »²⁰. E, mais adiante: « Nous avons tout renié, de nous-mêmes, de nos ancêtres, de nos origines, de notre religion. Nous avons apostasié »²¹. Para Abbas não há regresso, não há solução, a vida desenrola-se, sem remédio, num espaço a que se sente alheio. Aquilo que denuncia é uma certa e definitiva situação de estrangeiro vivida por si como uma maldição.

Adentrar-se no espaço do outro e não chegar realmente a habitá-lo pode ser realmente sentido como um naufrágio pessoal, como sublinha José Vieira a propósito do regresso do seu pai: « À son retour mon père était comme un naufragé regagnant la rive après une tempête ». Em travessias tão longas e onde tanto se joga, como no caso da emigração para França, muitos não recuperaram a margem ou, se voltaram à margem de onde um dia tinham partido, sentem que se transformaram e vivem definitivamente numa situação de «estrangeirados» que um dia partiram, não em busca do saber, como os estrangeirados do século XVIII, mas de uma sobrevivência económica. Termino com palavras de José Vieira acerca da aldeia dos seus pais, uma terra de emigração, transcritas a partir da banda sonora do documentário:

Tous les ans, je découvre des grands-parents au regard pétillant qui parlent à leurs petits-enfants cette langue que j'aime tant et qui mélange allègrement les mots d'ici et de là-bas. Je croise des ombres, des femmes âgées, toujours vêtues de noir, qui n'ont jamais quitté le village et qui semblent avoir toujours vécu avec l'absence. Je rencontre de plus en plus d'émigrés qui souffrent de n'être nulle part à leur place et partout déplacés. Le retour est pour eux une maison vide dans un village désert.

²⁰ *Ibid.*, p. 1271.

²¹ *Ibid.*, p. 1285.